



Implicações Lingüísticas da Tradução de Textos Clássicos - O Caso de Agnon

Eliana Rosa Langer

Resumo: Nesse trabalho focalizo a obra de Agnon para fazer uma reflexão acerca da questão de estilo e linguagem na tradução de textos literários clássicos. Sua obra foi escrita numa linguagem particular que constitui ao mesmo tempo um elemento de encantamento e uma questão tradutória que passa pela possibilidade da intraduzibilidade de sua obra.

Palavras chave: tradução literária; intraduzibilidade; língua hebraica; literatura hebraica

Shmuel Yossef Agnon nasceu em 17 de julho de 1888 na Galícia Oriental, e faleceu em fevereiro de 1970, em Israel. Começou sua carreira de escritor muito cedo, em 1903, aos quinze anos de idade, inicialmente escreveu em língua ídiche e depois de ter imigrado para Israel passou a escrever somente em hebraico. Recebeu o Prêmio Nobel de Literatura (1966)

Agnon viveu o ressurgimento do hebraico com grande envolvimento. Em sua obra, podemos encontrar um material importante sobre as relações entre a sociedade e a língua no período da segunda *alyá*¹, antes da Primeira Guerra. A língua hebraica e seu ressurgimento desde sempre interessaram Agnon.

No séc. XVIII e XIX o sentimento nacionalista que tomou conta da Europa, foi projetado no movimento da *Haskalá*, o Iluminismo Judaico: movimento de modernização e renovação da vida judaica e das letras hebraicas que adotou o gênero literário europeu. Buscando as raízes nacionais no período clássico, a literatura

1. *Alyá* ("subida"): nome dado às ondas de imigração de judeus para a Palestina, organizadas pelo movimento sionista. Foram seis as *Aliyot*: 1882-1903; 1904-1914; 1919-1923; 1924-1931 e 1932-1940; 1941-1947.



hebraica elegeu como modelo o texto bíblico, e o idioma usado ficou restringido ao hebraico bíblico e suas regras gramaticais. Esta restrição criou um problema, pois o vocabulário do hebraico bíblico, compreendendo cerca de 8.000 palavras, dificultava o trabalho de escritores, tanto no que diz respeito à expressão de idéias, como ao requinte literário, que cada vez se fazia mais necessário.

Apesar do hebraico não ter sido usado como língua do cotidiano durante dezenas de séculos, teve um desenvolvimento surpreendente. Ampliou o vocabulário, modificou suas formas, enriqueceu e flexibilizou os meios de expressão, no contato com as línguas que seus falantes usavam.

Agnon não concordava com a maneira pela qual o hebraico estava sendo revitalizado, considerava que a criação de palavras e as adaptações semânticas não teriam sustentação por serem fatos artificiais, e não históricos. Para Agnon, a nova língua falada em Israel interrompia o fluxo da História.

No entanto, havia a literatura chassídica², considerada como a expressão natural do espírito popular cuja linguagem hebraica é mesclada ao aramaico talmúdico³, nome geral dado aos dois códices da Lei oral: a *Mishná* e a *Guemará*, resultando numa rica variedade de expressões complexas, além de audaciosas alusões que atestam uma surpreendente familiaridade com as fontes bíblicas e talmúdicas. Essa literatura é fruto do chassidismo, movimento religioso judaico de características místicas e populares, surgido nos meados do séc. XVIII.

A escrita de Agnon respeita as características do estilo contido dessa literatura chassídica que sugere mais do que explicita. Agnon considerava sua linguagem simples, fácil e engajada historicamente, portanto, segundo ele, eterna. Referia-se a ela como “a linguagem das gerações que nos antecederam e a linguagem das gerações que estão por vir”⁴

2. Tradição chassídica: tradição resultante do movimento revivalista, iniciado em meados do século XVIII, na Polônia, o qual encorajava a ligação com o Divino através de alegria e êxtase, por meio de canto e dança. Na comunidade chassídica havia um líder carismático que era procurado por seus adeptos, os chassidim, para dele receber bênçãos. Há muitos relatos acerca destes líderes que ergueram suas próprias sinagogas, criaram uma nova liturgia baseada na mística judaica, introduziram mudanças no ritual e adotaram trajes característicos: longas capotas pretas. A língua desses relatos é o hebraico e o ídiche, e seu estilo é simples e popular.
3. *Talmud*: é o nome geral dado ao códice da Lei Oral. Nele está compilada a tradição transmitida oralmente durante mais de mil anos. O *Talmud* é composto pela *Mishná* e pela *Guemará*, que consiste de comentários e suplementos da *Mishná*, escritos em aramaico.
4. *Samuch Venir 'e*: Jerusalém: Shoken, 1953. Pág. 252. (Sexto volume da coletânea “Kol sipurav shel Shmuel Yossef Agnon”).



O estilo e a linguagem de Agnon apóiam-se, principalmente, nos textos chassídicos cuja linguagem é também chamada de linguagem dos *yereim* (“tementes”), e que, segundo Agnon e outros pesquisadores, seria a sucessão natural e histórica do hebraico. No entanto, a linguagem chassídica expressa por diferentes textos não é homogênea e a característica comum desta diversidade é sua similaridade com a linguagem da *Mishná*⁵, Lei Oral parte hebraica do Talmude (sécs. I e II), ou dos Sábios. A linguagem chassídica está longe de qualquer purismo lingüístico e, freqüentemente, faz uso de empréstimos de idiomas falados pelos judeus que viviam na Europa Oriental durante os séculos XVIII e XIX, época em que esta língua se desenvolveu. Esta linguagem chassídica possui um estreito vínculo com o vocabulário, sintaxe e registros do ídiche, do russo e do alemão. Estes elementos estranhos ao hebraico são os que distanciam a linguagem chassídica da linguagem *mishnaica* pura.

Esta linguagem chassídica foi desprezada pelos escritores do Iluminismo Judaico que, por implicações ideológicas, a julgavam apenas um jargão feio, um misto de outros idiomas. Ignoraram, portanto, o fluxo da continuidade histórica da língua. É interessante notar que a literatura hebraica do século XIX e início do século XX, paradoxalmente, alimentou-se de uma língua proveniente de uma tradição religiosa para alcançar objetivos profanos.

A primeira parte da obra de Agnon foi produzida no período da revitalização do hebraico e, assim como outros escritores seus contemporâneos, ele buscou uma linguagem literária fiel ao que julgava ser a continuidade da língua hebraica. A singularidade de Agnon é não ter criado uma língua ou um estilo próprio, mas sim, uma continuidade do uso do hebraico. Sua consciência lingüística aguda fez com que percebesse a seqüência histórica da língua hebraica e reconhecesse a *Haskalá* como ponto de sua interrupção. Criou uma continuidade convincente da linguagem chassídica. Ou seja, caso a língua hebraica tivesse continuado seu desenvolvimento histórico num ritmo natural e fluido, talvez tivesse seguido o caminho previsto por Agnon.

Agnon, que viveu uma grande parte de sua vida em Israel, presenciou o desenvolvimento do hebraico como língua do cotidiano. Ele tinha consciência desse processo e sentia que ao libertar-se das cadeias da tradição, o hebraico sofreria uma

5. *Mishná*: código legal judaico da essência da Lei Oral. Linguagem mishnáica – considera-se que o hebraico atual é composto por diferentes camadas de língua, e a divisão dessas camadas é determinada pela literatura escrita em cada um dos períodos: bíblico, mishnáico, medieval, contemporâneo.



perda decisiva. A Bíblia deixava de ser unicamente um livro sagrado, passando a ser também a representação de uma saga nacional. As palavras adquiriram uma nova castidade uma vez que o antigo espírito do sagrado, às vezes asfixiante e sufocante, se diluiu. Isto assustou Agnon, que em sua obra tenta resgatar a tradição da literatura chassídica e medieval que estava sendo deixada para trás como fonte lingüística.

Um aspecto importante ao qual todo tradutor está atento é o fato de que o valor dado às palavras é arbitrário e instável. Com o uso, o valor lexical (registro) vai sendo modificado de tempos em tempos, quer seja de um lugar para outro, quer seja no interior de camadas sociais distintas. Na verdade, é o tempo que tem um papel importante na fixação do valor das palavras. Palavras que num determinado tempo tinham um valor de grau médio, em um período mais tardio passam a ter um valor de um grau mais elevado, isto é, poético ou religioso. Arcaísmos, num estágio mais tardio, modificam sua posição na escala de valores quanto a seu significado e seu conteúdo emocional.

Como o valor de todas as palavras de um determinado texto não se modifica no mesmo ritmo e na mesma direção, as unidades seguidas do texto, mais tarde, adquirem valores diferentes. Pode acontecer que palavras que em determinado momento caíram em desuso sejam consideradas como arcaicas, isto é, detentoras de um valor de grau elevado, e palavras que permaneceram e foram assimiladas pelo uso do dia-a-dia, mantenham um valor de grau neutro ou tenham seu grau de valor estilístico diminuído. O tradutor de textos antigos, pertencentes à literatura-fonte de outro povo, se defronta, portanto, com uma questão estilística. O tradutor deverá optar pelo valor estilístico dos autores daqueles textos, ou pelo valor estilístico que lhe é atribuído atualmente.

No caso do hebraico, o texto arcaico continua a ocupar lugar na vida espiritual da nação judaica, uma vez que os textos da Bíblia e de todas as demais fontes arcaicas continuam circulando e em uso.

Segundo o exemplo citado por Chaim Rabin⁶, renomado pesquisador da língua hebraica, se tentarmos traduzir o *Cântico dos Cânticos* como um poema, teremos que optar entre o nível estilístico, provavelmente bastante popular do poema na época em que foi escrito, e o nível estilístico literário, como é lido atualmente pelo

6. Rabin, Ch. "Hearot Balshanyot lebeayat Targum Divrei Shai Agnon Leloazit". In: *Yovel Leshai Agnon*. Israel: Universidade Bar-Ilan/Ramat Gan, 1958. ("Comentários lingüísticos acerca da questão da tradução dos escritos de Agnon")



leitor israelense. O autor lembra, ainda, que as histórias da fonte chassídica possuem para o povo judeu um tom arcaico e popular a um só tempo. É provável que os autores destas histórias apenas escrevessem, segundo sua capacidade, num bom hebraico e, no entanto, as traduções acabam por introduzir nelas a abordagem de uma outra geração.

Aparentemente, o tempo é igual em todo lugar, porém o passado, representado pelas diferenças do tempo, é dos fatores mais representativos de cada sociedade. Cada povo tem seu ritmo histórico que difere dos demais.

Assim, o ritmo da história do povo judeu difere daquele dos outros povos e a relação de valor atribuída aos períodos da língua hebraica é desligada até mesmo do fator tempo. Enquanto a linguagem bíblica que é tão próxima do povo judeu não possui um aspecto arcaico em especial, a linguagem das orações e a linguagem filosófica da Idade Média, não assumem um grau de valor bastante claro. Por outro lado, a linguagem e a tonalidade do judaísmo ashkenazita diaspórico de algumas gerações passadas transformaram-se certamente em arcaísmo. Segundo Chaim Rabin, a leitura de Agnon feita com pronúncia sefardita⁷, isto é, acento predominantemente oxítono deturparia toda sua musicalidade interna e a transformaria numa vivência verdadeiramente dolorosa, uma vez que seu tom aproxima-se do ídiche e da pronúncia ashkenazita⁸, isto é, acento predominantemente paroxítono.

Quando Agnon escreveu seus primeiros trabalhos, o padrão médio do estilo hebraico, para fins de uma determinada escrita, ainda não se havia consolidado e as diferentes maneiras como o hebraico vinha sendo escrito estavam num único patamar valorativo. Cada estilo apoiava-se nesta ou naquela fonte. O estilo de Agnon inovou ao ampliar as possibilidades buscando a linguagem da literatura popular, do período que antecedeu o Iluminismo Judaico, fonte, até então, menosprezada. Uma vez que o padrão do idioma hebraico não havia sido consolidado, esta linguagem aparece como mais um opção renovadora do estilo hebraico.

Após a consolidação do padrão médio hebraico, que passa a servir de medida para todos os outros estilos em uso, todo estilo que escapa daquele padrão médio alcança um tom estilístico especial que é sentido pelo leitor nativo. O encantamento que o leitor israelense médio sente na leitura dos escritos de Agnon está

7. Pronúncia Sefardita – Sefarditas são os judeus de Espanha e Portugal que depois de expulsos (1492 e 1497) instalaram-se na Itália, Grécia, Turquia, Holanda etc. A pronúncia adotada pelos falantes do hebraico moderno é a chamada Sefardita.

8. Ashkenazita – nome dado aos judeus da Europa Ocidental e Oriental.



vinculado, portanto, à distinção entre sua linguagem e àquela escrita para fins normais de comunicação.

A linguagem de Agnon se insere numa ampla gama de estilos literários elevados, unidos por um denominador comum que é o vínculo com as fontes. Este vínculo em si é um arcaísmo, uma vez que esta é a característica da linguagem do período do ressurgimento. Além disso, uma vez que as fontes representam situações lingüísticas anteriores ao nosso tempo, há na linguagem literária elevada muitas características arcaicas em detalhes lingüísticos formais, assim como o uso de formas verbais, de vocabulário, de conectivos, de estrutura frasal etc.

A linguagem *mishnáica* não é um bloco uniforme, divide-se em vários matizes, porém a avaliação superior desta linguagem faz com que o leitor israelense médio, cujo conhecimento destas fontes é limitado, lhes confira, em geral, o mesmo grau valorativo, sem que seja capaz de distinguir tais matizes. Segundo Rabin este leitor, reconhece alguns sinais formais, identifica-os com o Estilo dos Sábios e, generalizando, passa a considerar todas as outras características distintas que identifica no texto como pertinentes ao mesmo tipo de escritura. O grande público vê de forma simplista a linguagem de Agnon, como a Linguagem dos Sábios, apesar de haver uma diferença sensível entre esta linguagem e sua transformação posterior, a linguagem chassídica, nas histórias populares que serviram de fonte principal para a linguagem de Agnon. Este fato liga o estilo de Agnon a um período muito mais antigo e identifica-o como elevado, quando, no entanto, o que o caracteriza é sua simplicidade e sua proximidade aos sons da fala e da ingenuidade do período destas fontes.

O fato desta linguagem ser um elemento integrante do encantamento das histórias deste autor não poderá ser ignorado. O tradutor de Agnon deverá levar em conta o estilo da linguagem “agnônica”, ou seja, inovadora ao mesmo tempo que fundamentada num mosaico de linguagens de um período arcaico.

O tradutor, portanto, tem um problema, se por um lado pela avaliação do público israelense, temos aqui um estilo elevado de características arcaicas; por outro lado, o autor certamente aspirou vestir seus pensamentos com a simplicidade que caracterizava o modo de pensar e falar de suas fontes. Agnon, na verdade, determinou sua linguagem antes que a linguagem padrão tivesse sido consolidada. Sua linguagem é como um dialeto que desabrochou paralelamente ao desabrochar do hebraico usado em Israel.

A linguagem de Agnon não se mede pelo hebraico usado atualmente em Israel, daí a dificuldade de se optar por um tom e estilo na tradução de sua obra. Sua



linguagem é medida pela fonte onde ele se alimentou, que, apesar das controvérsias, levando-se em conta seu período temporal, é a linguagem clássica do séc. XVIII. O estilo de Agnon, contudo, não pretende criar a impressão de um texto escrito no séc. XVIII. Não há a imitação da linguagem de uma outra época e tampouco uma tentativa de recriar completamente sua atmosfera original.

A densa trama lingüística do texto de Agnon levou Goodman (1988) a questionar a possibilidade de se estudar, e eu acrescentaria, de se ler, sua obra em tradução.

A intencionalidade é percebida em Agnon pelo uso repetido de sons, jogos de palavras, acrobacias semânticas, manipulações conotativas, alusões e formações sintáticas e temporais. No entanto, Sadan (1996) argumenta que ainda que linguagem seja o veículo, quem vê apenas a linguagem em Agnon, não vê nada. O crítico se refere à imensa carga cultural transmitida por meio da obra de Agnon.

Agnon reescreveu vários de seus trabalhos, atitude que vem reforçar a idéia de que um texto jamais é acabado, apenas é abandonado. Portanto, o trabalho do tradutor deve ser o de retirar o original do limbo da não existência para que este usufrua, por poucos momentos de vida, ainda que somente como sombras, de sua forma original.

BIBLIOGRAFIA:

- BAR-EL, Y. "Meafiyanei leshon ydish etsel S.Y. Tshatshkis". In: *Studies on Agnon*. Jerusalém: H. Weiss & H. Barzel, 1994, p. 353-360.
- FRIEDEN, K. "Intertextual and Interlinguistic Approaches to Agnon's Writing". In: *Agnon: texts and contexts in English Translation*. YUDKIN, Leon I. (ed.). New York: Marcus Wiener Publishing, 1987.
- GOODMAN, J. Z. "Words and Their Meaning: on Linguistic and Tonal Density in Agnon's Writing". In: *Agnon: texts and contexts in English Translation*. YUDKIN, Leon I. (ed.). New York: Marcus Wiener Publishing, 1987.
- KADARI, M. T. S. Al S. Y. Agnon keish halashon haivrit. *Haalon Hashvui*. Jerusalém: Academia de Língua Hebraica, 1990, n.31.
- PATTERSON, D. "Traduzindo Literatura Hebraica Moderna". In: *Journal of jewish studies*, vol.L. nº 1, spring 1999
- RABIN, CH. "Hearot Balshanyot Lebeayat Tirgum Divrei Shai Agnon Leloazit". In: *Yovel LeShai Agnon*. Israel: Universidade Bar-Ilan/Ramat Gan, 1958.
- RABIN, CH. "Pequena História da Língua Hebraica" Trad. Rifka Berezin. Summus Editorial Ltda, São Paulo, 1973.



YTSCHAKI, Y. "Al signonó shel Agnon veal lashon yetsirató". In: *Studies on Agnon*. Jerusalem: H.Weiss & H. Barzel, 1994, p. 361-364.

YUDKIN, L. I. "Form as factor in Agnon's work". In: *Agnon: texts and contexts in English Translation*. YUDKIN, Leon I. (ed.). New York: Marcus Wiener Publishing, 1987.

ABSTRACT:

The aim of this article is to present some reflections about style and language in literary classic text translation. Our focus will be Agnon's hebrew literature. He wrote in a specific language that at the same time enchants readers and challenges translators.

KEY WORDS:

Literary translation; hebrew language; hebrew literature;